

## O CORONEL CÉSAR<sup>(\*)</sup>

**José Calasans**

Aproxima-se o centenário da morte do coronel de infantaria, Antonio Moreira César, abatido no ataque da III Expedição Militar contra Canudos, em março de 1897. O César, como era conhecido entre seus camaradas de farda, talvez não houvesse passado à História, se circunstâncias especiais não o transformassem num herói da recém-nata República Brasileira. A morte do discutido soldado e o desastre espetacular da força de linha que comandava ocorreram num delicado momento da vida nacional, quando republicanos exaltados, florianistas extremados, autênticos jacobinos, acreditavam que nos sertões da Bahia o místico Antonio Conselheiro era o mais poderoso chefe dos retrógrados restauradores, que ameaçavam a República de Deodoro, de Benjamim, de Floriano. A história da vida do destemido oficial estava, realmente, marcada por atos de violência e crueldade. Envolvera-se no assassinio de um jornalista de linguagem desabrida, Apulcro de Castro, em plena capital do Império, autorizara fuzilamentos de militares e civis no Estado de Santa Catarina, onde exercera, no governo do vice-presidente marechal Floriano Peixoto, o poder militar sem limitação. Participara de certos pronunciamentos militares em Sergipe, na Bahia, na Ilha do Governador. Alguns destes fatos ficariam rotineiramente anotados nos seus assentamentos militares. Os historiadores catarinenses comentariam com acrimônia suas ordens de fuzilamento, muito faladas na época. Alguns justificariam seus crimes como consequência do “mal sagrado” da epilepsia, que o atormentava. No cotidiano, era um homem de modos moderados até mesmo cortesões, desfrutando bom conceito como profissional da farda. Suas convicções republicanas, suficientemente comprovadas, garantiram-lhe lugar destacado naquele mundo dos chamados republicanos históricos e muitos temiam seus impulsos agressivos, que várias vezes explodiam contrastando com aquela

---

(\*) Publicado como “Prefácio” in FONTES, Oleone Coelho. *O Treme-Terra: Moreira César, a República e Canudos*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1996.

cordialidade mais frequente. Porém seria Canudos sua grande presença histórica.

Favorecido pelas vagas abertas com as punições republicanas, alcançou postos militares com rapidez, mas morreu sem chegar ao generalato. Insinuou-se, no fim da era florianista, que o poderoso alagoano nele não encontrara apoio para permanecer no poder. A atitude, se verdadeira, conta ponto a favor do indigitado *Corta-pescoço* da poesia popular sertaneja.

O desastre da III Expedição e o fim trágico do seu chefe deram um tom novo e preocupante. O governo e a opinião pública acreditavam que o coronel César faria um passeio militar, abateria a jagunçada e retomaria ao Rio de Janeiro como o outro César, depois de ter ido, visto e vencido. O insucesso abalou o País, a Capital Federal e a cidade de São Paulo, principalmente, provocando agitações de rua, com depredações e mortes.

Nunca um derrotado ganhou maiores proporções neste País. O cidadão ficou enfurecido, enquanto a gente do sertão do Conselheiro exultou. A tragédia da força republicana foi uma grande festa sertaneja. A guerra fratricida de 1896-1897 ganhou uma dupla de heróis: Conselheiro e Moreira César. Os pesquisadores da oralidade interiorana, hoje numerosos e lúcidos, somente ouvem falar, quando querem saber notícias do conflito do Belo Monte, em Antonio Conselheiro e Antonio Moreira César.

Euclides da Cunha, nas páginas imortais e imortalizadoras de **Os Sertões**, deixou-nos um perfil antológico de Moreira César. Na galeria de retratos históricos que debuxou para a posteridade a figura do governador militar de Santa Catarina é das mais salientes. Como sempre acontece nos julgamentos euclidianos, há muitos *talvez sim, talvez não* na montagem da personalidade do César. Além de Euclides, os combatentes tenente coronel Dantas Barreto e o tenente Macedo Soares, em livros escritos ao calor da hora, deram ligeiras notícias do inditoso soldado. De vez em quando, no decorrer de quase século

que nos separam do insucesso de 97, alguns artigos aparecem. Agora, porém, é que surgiu a primeira biografia do César. Escreveu-a, com o entusiasmo que emprega nos seus trabalhos e nas suas atitudes, o jornalista baiano Oleone Coelho Fontes, anteriormente autor de uma biografia de Lampião e de um romance regional.

O livro de Oleone Fontes apresenta o mérito inicial e valioso de não ser uma obra improvisada. Procurou conhecer, durante alguns anos, a vida de Antonio Moreira César, principalmente na sua caminhada para a morte. Viu o material escrito no qual se respigam, aqui e ali, informes sobre Moreira César, seu tempo, sua derradeira tarefa de militar, que tomou também conexões políticas. Serviu-se fartamente do material guardado no Núcleo Sertão, da Universidade Federal da Bahia. Recolheu achegas nas coleções de jornais baianos da época do Conselheiro. Ouvia – e como ouviu – sertanejos que falaram do homem de pequena estatura e poderosa força física que veio morrer na casa grande da fazenda Canudos. Estes inúmeros depoimentos como que reconstituíram as pegadas do comandante da III Expedição e seus comandados, na marcha para a derrota terrível. Na coleta de perquirições, Oleone Fontes recolheu um mundo de versões sobre a morte do *Treme-Terra*. Quem matou Moreira César? As versões são inúmeras. Umas estão nos livros, outros brotam da oralidade pesquisada. Dir-se-ia que nunca tantos mataram um só. No imaginário popular, a bala que liquidou Moreira César veio de pontos diferentes, de armas diversas, contratadas por inimigos sem conta. Muita gente encomendou o fim do famoso paulistano, por causas bem diversas. Como figura sempre no linguajar sertanejo foi uma morte de encomenda.

Enamorado do sertão, Oleone Fontes, que estuda as origens do conselheirismo, focaliza aspectos políticos de âmbito nacional e estadual, faz questão de apresentar ao leitor o chão calcinado das andanças de Antonio Vicente e do marche-marche de Moreira César. Há história e geografia nos capítulos do *Treme-Terra*. A obra ganha assim contorno de caminho histórico, que poderá vir

a ser também – e Deus permita que em pouco tempo – roteiro turístico. Mais cedo ou mais tarde, apesar dos rigores da estiagem, o brasileiro vai sentir o desejo de conhecer o leito do Vaza-Barris, os lugares dos combates, a paisagem do sertão bem sertão. A obra de Oleone Fontes, no passo a passo da Terceira Expedição, tomar-se-á compêndio valioso para melhor *sertanejar* o Brasil.